

A Cavalaria



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade

EDGAR SALVADORI DE DECCA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO

JOSÉ A. R. GONTIJO – JOSÉ ROBERTO ZAN

MARCELO KNOBEL – MARCO ANTONIO ZAGO

SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

Dominique Barthélemy

A CAVALARIA
DA GERMÂNIA ANTIGA À
FRANÇA DO SÉCULO XII

TRADUÇÃO

Néri de Barros Almeida

Carolina Gual da Silva

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

B2.82c Barthélemy, Dominique.

A Cavalaria: da Germânia antiga à França do século XII / Dominique Barthélemy;
tradução: Néri de Barros Almeida e Carolina Gual da Silva. – Campinas, SP: Editora
da Unicamp, 2010.

1. Cavalaria – França – História. 2. Civilização medieval. 3. Feudalismo. 4. Historiografia. 5. França – História – Idade Média. I. Título.

CDD 944.02

940.17

321.3

907.2

ISBN 978-85-268-0900-0

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------------|--------|
| 1. Cavalaria – França – História | 944.02 |
| 2. Civilização medieval | 940.17 |
| 3. Feudalismo | 321.3 |
| 4. Historiografia | 907.2 |
| 5. França – História – Idade Média | 944.02 |

Título original: *La chevalerie: de la Germanie antique à la France du XII^e siècle*
de Dominique Barthélemy

World copyright © Librairie Arthème Fayard, 2007

Copyright © 2010 by Editora da Unicamp

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em
sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos
ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.



“Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication Carlos Drummond de Andrade de la Médiathèque de la Maison de France, bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires Etrangères et Européennes.”

“Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação Carlos Drummond de Andrade da Mediateca da Maison de France, contou com o apoio do Ministério francês das Relações Exteriores e Europeias.”

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

a Philippe Contamine

SUMÁRIO

Prefácio à edição brasileira	
A CAVALARIA: NOVA LEITURA PARA UM TEMA FUNDAMENTAL	11
ARGUMENTO	15
1 OS GUERREIROS BÁRBAROS	21
<i>Gauleses e germanos</i>	23
<i>O ideal germânico segundo Tácito</i>	32
<i>Os limites da violência</i>	44
<i>O esforço dos chefes</i>	51
<i>A Antiguidade tardia</i>	60
<i>Vinganças de sangue entre cristãos</i>	71
<i>Guerras civis entre francos</i>	79
<i>O adubamento de Childeberto II</i>	84
<i>O desafio de Bertoaldo</i>	89
2 O ELITISMO CAROLÍNGIO	93
<i>Os “cavaleiros” da Francia</i>	96
<i>As guerras de Carlos Magno</i>	104
<i>O Poema de Ermoldo, o Negro</i>	110
<i>O imperador e as duas milícias</i>	117

	<i>A guerra entre irmãos</i>	126
	<i>Em face dos normandos</i>	132
	<i>Os primórdios da guerra feudal</i>	139
3	VASSALOS, SENHORES E SANTOS	145
	<i>A ordem feudal</i>	147
	<i>Lendas de heróis e histórias de traidores</i>	154
	<i>Geraldo de Aurillac e os defensores de igrejas</i>	164
	<i>Os cativos da Aquitânia</i>	174
	<i>O combate contra os mouros</i>	183
	<i>A “paz de Deus” e a guerra dos príncipes</i>	190
	<i>As batalhas entre príncipes</i>	197
4	EM TORNO DOS DUQUES DA NORMANDIA (1035-1135)	205
	<i>A ascensão do adubamento</i>	207
	<i>O governo do príncipe</i>	218
	<i>O prazer da proeza</i>	225
	<i>A Inglaterra subjugada</i>	232
	<i>A lança, a armadura e o emblema</i>	249
	<i>As boas maneiras do ano 1100</i>	256
	<i>De Tinchebray a Brémule</i>	270
	<i>Narrativas dos tempos Cavaleirescos</i>	281
5	EM DIREÇÃO A UMA CAVALARIA MAIS CRISTÃ?	289
	<i>As etapas da reforma gregoriana</i>	290
	<i>Os gregorianos e o adubamento</i>	297
	<i>Combates espirituais</i>	304
	<i>A trégua de Deus e o abrandamento dos Cavaleiros</i>	316
	<i>A cruzada e o endurecimento dos Cavaleiros</i>	328
	<i>Um elogio dos templários</i>	342
	<i>Encontro com uma outra Cavalaria</i>	345
6	O TEMPO DAS CORTES E DOS TORNEIOS	357
	<i>Cavaleiros e burgueses</i>	360
	<i>Uma tragédia em Flandres (1127-1128)</i>	367
	<i>As prodigalidades do príncipe e do barão</i>	374
	<i>Jogos cortesês e questões feudais</i>	380
	<i>A clemência de Godofredo Plantageneta</i>	388
	<i>O conde Balduíno, sob o risco dos torneios</i>	405
	<i>Os sucessos de Guilherme, o Marechal</i>	416

<i>No país dos trovadores</i>	432
<i>Proezas poéticas</i>	441
<i>Acomodamentos com a Igreja</i>	449
7 FICÇÕES DO SÉCULO XII	459
<i>O mundo das canções de gesta</i>	462
<i>O herói, o traidor e os sarracenos</i>	467
<i>As entranhas da Cavalaria</i>	477
<i>Uma epopeia da vingança e do perdão</i>	481
<i>A segunda idade das canções de gesta</i>	489
<i>A invenção do amor cortês</i>	500
<i>Um início na Grã-Bretanha</i>	506
<i>Um desvio por Tebas e Troia</i>	510
<i>A aventura literária de Chrétien de Troyes</i>	520
<i>Amor, casamento, emulação</i>	523
<i>Lealdade, coragem e clemência</i>	531
<i>O itinerário de Perceval</i>	543
<i>Uma missão para os Cavaleiros</i>	551
<i>A moral de Estêvão de Fougères e a de Chrétien de Troyes</i>	558
<i>Em busca do Graal</i>	564
<i>João de Salisbury e a disciplina romana</i>	568
<i>A espada retomada ao altar</i>	575
CONCLUSÃO	583
REFERÊNCIAS GENEALÓGICAS SIMPLIFICADAS	591
1. <i>Reis merovíngios</i>	591
2. <i>Reis carolíngios</i>	592
3. <i>Reis robertianos e capetíngios</i>	593
4. <i>Duques da Normandia</i>	594
FONTES	595
BIBLIOGRAFIA	601
LISTA CRONOLÓGICA DAS BATALHAS MENCIONADAS	617
ÍNDICE DE AUTORES OU OBRAS ANTIGAS E MEDIEVAIS (CITAÇÕES E COMENTÁRIOS)	619

Prefácio à edição brasileira

**A CAVALARIA:
NOVA LEITURA PARA UM TEMA FUNDAMENTAL**

Néri de Barros Almeida

A Cavalaria não desapareceu. Subsiste em nossas fantasias de heroísmo e civilidade como peça mestra de um ambiente onírico em que reina uma sociabilidade ideal. Pode-se dizer que, através de múltiplas existências, ela é persistente e que sua tenacidade está associada à sua capacidade de representar um ideal de civilização original, tributário da experiência cristã muito mais do que da herança antiga.

É significativo que a modernidade literária comece com o registro simbólico de nossa relação, controversa, com a Cavalaria. Dessa forma, os devaneios e infelicidades do engenhoso fidalgo de La Mancha nos inquietam e comovem, alimentam perplexidade, mas também empatia. Dom Quixote, paradoxalmente, representa para nós uma Cavalaria de imediato reconhecida e que por isso não precisa se justificar. Levados pela grandeza literária, no entanto, esquecemo-nos de que, no início do século XVII, Cervantes aponta a natureza ficcional — não apenas no sentido de coisa passada, mas de representação literária — da Cavalaria que fascina e enlouquece Alonso Quijano, metamorfoseando-o em Quixote.

Poupada dos devaneios e quimeras modernos, o que foi historicamente a Cavalaria? Seus registros na documentação medieval não estão

limitados às narrativas ficcionais, e é legítimo perguntarmos que ligação a literatura cortês, que nos fascina com Lancelote, Ivan e Tristão, tem com a Cavalaria tal como nos surge a partir de um quadro documental mais vasto. Como a prática social dialoga com a representação literária ou mesmo se interpõe em seu caminho? Em nossa memória, entram em acordo e, por vezes, se diluem em dado comum os conceitos de Cavalaria e cortesia. No entanto, ambos merecem tratamento histórico diferenciado. O que, portanto, define a Cavalaria? Dominique Barthélemy discute essas questões com profundidade e convence-nos do quanto nossa imaginação da Cavalaria é quixotesca e quão mais antiga e complexa é sua realidade documental.

O que *é* a Cavalaria? Barthélemy trata a questão sempre no presente! Seria ela uma confraria de iguais que nas cortes se bate em torneios e justas amorosas e a partir das quais sai em busca de aventuras? Guerrear a cavalo e lutar com recursos técnicos específicos e custosos que afastam socialmente cavaleiros e infantas? Fazer parte de uma elite guerreira de serviço, mantida materialmente por um senhor, muitas vezes através da concessão de um benefício, portanto de um patrimônio que transfere poder senhorial? Combater em guerra justa, usar as armas em defesa das damas e dos pobres? Ou seja, renunciar a valores e costumes de uma violência indômita pregressa, viver em armas segundo princípios elevados, cheios de piedade, respeitosos para com a Igreja? Qual desses itens retrata o essencial da Cavalaria, ou seria necessariamente seu conjunto que a definiria? Barthélemy responde a essas perguntas e nos oferece outras que ainda não haviam sido postas. Se, por um lado, com ele perdemos algumas ilusões, resultantes das escolhas que a modernidade fez ao eleger “sua” Cavalaria numa “Cavalaria clássica” que se esforça para existir a partir do século XII, por outro, saímos enriquecidos com seu retrato dos mecanismos de ajuste social em que os guerreiros e a guerra têm função de destaque. Dessa forma, seu estudo é uma preciosa contribuição àquilo que sabemos a respeito dos elementos que respondem pela eficácia do poder na Idade Média.

Questão importante (seria ela pungente antes de Barthélemy?): uma aristocracia em armas permite que falemos em “sociedade guerreira”? A insistência na importância das armas é o bastante para definirmos a Idade Média como império da anarquia militar? Há distância entre o

símbolo de poder que são as armas e a prática social? O que as narrativas de cercos militares e batalhas nos dizem? Seu desfecho é dominado pela lógica da contabilidade dos mortos? Por estranho que possa parecer, Barthélemy se pergunta quanta morte os documentos descrevem e chega a conclusões espantosas que transferem nosso olhar da violência — mais imaginada pela leitura que o século XIX nos legou dos documentos do que efetivamente descrita — para mecanismos vigorosos de reconciliação em que o “teatro” da guerra tem poder persuasivo fundamental. Mas há também o “teatro” da fé. Barthélemy propõe uma Cavalaria pouquíssimo conformada e servil aos interesses da Igreja e, a despeito dela, senhora de “hábitos Cavaleirescos” que no século XII são já seculares. Sua Cavalaria não nasce na passagem entre os séculos VIII e IX com a preponderância da guerra a cavalo, nem no final do século X com a Paz de Deus, nem no século XI com a reforma da Igreja e a cruzada, muito menos no século XII com as cortes, os torneios e a literatura cortesã. Barthélemy busca o que lhe é próprio na “Germânia” antiga, imaginada pelo autor por meio de Tácito e de César, na feudalidade que se desenvolve na época carolíngia e naquilo que a antropologia diz hoje a respeito da violência nas “sociedades de vingança”.

Nosso autor, portanto, não aceita que, pela altura do ano 1000, uma “mutação feudal” tenha acontecido, alterando, ao longo de poucas décadas, relações políticas e sociais. Nas teses mutacionistas que foram dominantes durante boa parte do século XX, dois temas exaustivamente discutidos por Barthélemy são fundamentais: a Cavalaria e a violência guerreira. A tese da “mutação feudal” se baseia na defesa de que nos arredores do ano 1000 se deu a apropriação do poder condal por uma nova classe social, a dos Cavaleiros. Estes ampliam em seu benefício os constrangimentos banais e se apossam da autoridade militar, erigindo torres de defesa locais e exercendo a violência em seu próprio nome. A mutação feudal, portanto, encontraria um de seus testemunhos mais veementes no aumento dos registros de denúncia de violência no “ano 1000”. Barthélemy mostra que o perigo de dissolução social pela violência exacerbada, cujo paradigma foi estabelecido no século XIX por François Guizot, foi um exagero interpretativo e também que os registros de cercos e batalhas permite poucas considerações quanto a seu caráter destrutivo, sendo, na realidade, muito

preocupados em descrever estratégias que asseguram a realização de pactos entre as partes.

Mas se para ele não há “mutação feudal”, uma ruptura social com a época carolíngia, vemos desde as primeiras páginas do livro que teria acontecido, entre a segunda metade do século XI e a primeira do século XII, uma “mutação Cavaleiresca”. No entanto, a Cavalaria cortesã e cortês que se firma então registra mais o ocaso que o esplendor da Cavalaria, mais o poder dos reis e príncipes sobre ela que sua autonomia.

Pode-se gostar ou não do estilo e das ideias de Dominique Barthélemy. No entanto, qualquer um que pretenda tecer comentários sobre a Cavalaria, esse tema de grande importância da historiografia, tem necessariamente de levar em conta os debates em que se encontra envolvido de forma exponencial. Seu repertório de questões históricas extremamente originais e pertinentes é capaz de realizar uma revolução no pensamento do leitor. Sua obra permite aprender sobre a Cavalaria e também discuti-la. Escrita com um humor particular e num francês quase pessoal, a obra não abandona o tom profissional, empregando com extremo rigor o vocabulário histórico. Esse cuidado inclui a preocupação com os conceitos modernos adequados à descrição e à compreensão do passado e o sentido exato conferido aos termos de época pela documentação.

Numa obra farta em contribuições, a maior delas talvez seja a tenacidade de sua releitura documental, ao mesmo tempo vasta, profunda e coerente. Porém, coerente de uma maneira muito particular, que permite a dúvida e a liberdade de interferência do pensamento do leitor, ao revelar as contradições da documentação, suas ambiguidades e seus desvios. Presente à inteligência e à liberdade de espírito, este livro é uma obra exemplar do que é o trabalho do historiador. Barthélemy nos mostra sutilezas documentais que renovam nossa perspectiva histórica. Sua obra tem o poder raro e ideal de nos ensinar, revelar e manter inquietos.

ARGUMENTO

Sendo necessário estabelecer um lugar e um momento para a invenção da Cavalaria¹ tal como a entende a Europa moderna, a França do século XII merece nossa atenção. É da França que parte o maior número de cruzados, Cavaleiros que acreditam lutar com valentia por uma causa justa, obtendo a estima dos próprios sarracenos, eclipsando as tropas a pé que os apoiam. É nas crônicas de monges ligados ao rei da França e ao da

¹ Os termos empregados em francês para designar a pessoa a cavalo (*cavalier*), seu agrupamento (*cavalerie*) e seus hábitos (*cavalières*), bem como o membro da Cavalaria (*chevalier*), são, como se pode ver, diversos. O português não permite essa distinção, sendo os dois grupos de sentido designados pelas mesmas palavras, derivadas de “cavaleiro”. Bem mais específicos, os termos franceses *chevalier*, *chevalerie* e *chevaleresque* se aplicam àquele que é visto como integrante da Cavalaria e àquilo que é próprio e digno desta. Em português, a distinção entre “cavalheiro” e “cavaleiro” não comporta os sentidos das duas formas francesas. Tendo em vista que a distinção é fundamental ao bom acompanhamento da discussão do processo histórico que, segundo Barthélemy, dá origem à Cavalaria, traduziremos sempre os termos *cavalier(s)*, *cavalière(s)* e *cavalerie* por “cavaleiro(s)”, “cavaleiresco(s)” e “cavalaria”, e *chevalerie*, *chevaleresque(s)* e *chevalier(s)* serão vertidos respectivamente como “Cavalaria”, “Cavaleiresco(s)” e “Cavaleiro(s)”. (N. da R.)

Inglaterra, duque da Normandia, de Suger, de Orderico Vidal, nos anos 1140, que encontramos frequentemente evocados ao mesmo tempo um tipo de Cavalaria justiceira — a dos príncipes que dizem defender as igrejas e os pobres — e uma verdadeira Cavalaria de ato *performativo* e espetáculo — aquela dos jovens nobres que, em tudo servindo a esses príncipes, se entregam a justas, se lançam desafios, demonstram boas maneiras entre inimigos. Um cronista flamengo, Galberto de Bruges, é o primeiro a mencionar, em 1127, os grandes torneios aos quais o Conde de Flandres recentemente conduzira os Cavaleiros de sua região. É o momento da ascensão da vida de corte junto a príncipes e barões, em que damas estão presentes, onde se ama escutando a narrativa do heroísmo de Rolando e as proezas de Lancelote. No caso de Lancelote, e em todos os romances de Chrétien de Troyes (nos anos 1170), as boas maneiras e os códigos de competição entre Cavaleiros são muito valorizados, o que estabelece um claro e novo contraponto aos ideais de dureza guerreira herdados da alta Idade Média germânica ou romano-bárbara. Não é exatamente nesse século XII que o rito tradicional de entrega da espada, o *adubamento*², ganha uma importância sem precedentes e se tingem de cores cristãs e cortesões?

Não erramos, portanto, ao dizer nas grandes ocasiões e ao escrever nos livros que a “França” é o país da Cavalaria. Há, na tradicional “história da França”, vários elementos de mitologia pura, como a anarquia feudal ou os terrores do ano 1000. A invenção da Cavalaria por volta de 1100, ao contrário, pertence à história autêntica.

Entretanto, em torno do tema da Cavalaria francesa, cristalizam-se muito orgulho nacional e interesses ideológicos. E isso não acontece apenas mais tarde, na época moderna, mas possivelmente desde o século XII. De fato, podemos chamar de “Cavalaria” quase tudo que gira em torno da glória e da superioridade do guerreiro nobre a cavalo, o que cria uma densa gama de qualidades excessivas ou contraditórias. A Cavalaria é ir até o fim na defesa de uma causa justa ou é brilhar por meio de uma bela clemência concedida ao inimigo que se acusa de ser injusto mas cuja valentia se estima? A nota dominante, quando de um adubamento, é a reivindicação de seu próprio direito, ou é dedicar-se ao direito dos outros

² Dominique Barthélemy emprega o termo no sentido geral de cerimônia de entrega da espada. (N. da R.)

(dos fracos, das mulheres), ou seria ainda o comedimento nisso tudo? Para os homens do século XII, o essencial é a procura pela estima dos outros Cavaleiros através de conquistas aqui e acolá por belos gestos. Foram os modernos que arrastaram mais sistematicamente a “Cavalaria” no sentido da moderação e da justiça (sem ver o bastante a tensão latente entre as duas). Dessa forma eles puderam escrever, como Guizot em 1830, histórias da civilização de costumes bárbaros, germânicos ou feudais por volta de 1100, “por obra da Igreja e da poesia”.

No entanto, é certo que os francos, depois os feudais dos séculos X e XI, foram apenas homens de violência, que nada em seus costumes preludia a Cavalaria clássica? E, por outro lado, essa “Cavalaria” clássica caracteriza bem todos os costumes dos Cavaleiros do século XII, todas as suas ações, do adubamento à morte cristã? Na prática, temos que os Cavaleiros do século XII permanecem, frequentemente, vingativos e arrogantes, especialmente em relação aos camponeses.

Sem negar que uma verdadeira mutação Cavaleiresca se produziu na França, entre 1060 e 1140 (portanto, “no ano 1000” em sentido amplo), eu gostaria de partir aqui em busca das raízes francas e mais ainda feudais da Cavalaria clássica — visto que ela não merece ser verdadeiramente dissociada daquilo que chamamos de “feudalidade”. Os Cavaleiros do ano 1100 são todos feudais, senhores e vassalos. Seu gosto pela proeza e muitas de suas condutas para com os adversários são sinais de indisciplina em relação a seus reis e príncipes, ou à Igreja que lhes prescreve a guerra santa. É uma reivindicação individualista que os empurra a se distinguir, a brilhar, a rivalizar em valentia, mas também a colocar condições e limites ao serviço a seu senhor. Eles não são conduzidos por um constrangimento estrito, mas muito mais pelo respeito e pelos apelos à honra. Eles são “feudais” também pela distância, pelo desprezo ou ao menos pela condescendência que têm para com as classes inferiores, mesmo quando falam em defendê-las. A ideia de uma confraria de justiceiros desinteressados, ávidos por reforma social é completamente estranha ao século XII. A Cavalaria é apenas um aspecto, entre — e após — outros, da dominação feudal. Tanto melhor se ela lhe confere, às vezes, um pouco de moderação e se a faz, em certo sentido, mais doce do que outras. Mas é necessário desmistificá-la de uma vez. Se os guerreiros nobres moderam sua violência e se fazem ou desejam ser, por volta de 1100, mais cortesês, se eles organi-

zam o espetáculo de sua valentia, é antes de tudo entre eles que isso acontece, e menos por um progresso da civilização do que por uma certa consciência de classe.

Por que nesse momento?

Em muitos estudos recentes, na França, se respondeu: em razão da feudalização do ano 1000, os guerreiros a cavalo, sediados nos castelos, formam uma classe nova, em ascensão, cuja consagração se dá com as práticas e os ideais Cavaleirescos do ano 1100. Entretanto, compreende-se mal, nesses estudos, como uma classe nascida de um desencadeamento de violência poderia, tão rapidamente, se fortalecer por meio de um abrandamento inédito de costumes. De toda maneira, em outros estudos contribuí para mostrar que a mutação do ano 1000 não ocorreu. A preponderância social do guerreiro, do cavaleiro nobre engajado na interação feudo-vassálica é mais antiga. Ela não está bem atestada desde a época de Carlos Magno?

Certamente é necessário atribuir a mutação Cavaleiresca do ano 1100 a outra coisa que não o surgimento da classe de Cavaleiros. Nós deveremos muito mais ligá-la de forma geral às ameaças que pesavam sobre essa classe, às concorrências que sofria, e ver aí eventualmente alguma coisa como uma aposta na demonstração de força e no esforço dessa classe para se justificar.

Diante disso, em toda a primeira parte deste livro, a investigação versa sobre os guerreiros germânicos e francos, sobre seus ideais indômitos coexistindo com práticas que o são bem menos. Muito cedo, de fato, percebemo-los preocupados em justificar suas guerras (o que as limita um pouco) e em concluir acordos entre si. As sugestões da antropologia ajudam bastante a enxergarmos isso; desdramatizando um pouco a “vingança”, elas constituem um bom antídoto aos nossos preconceitos modernos sobre a barbárie dos bárbaros. Esses não haviam sido convertidos ao cristianismo desde o século VI? A menos que o cristianismo não se acomode a eles... O leitor poderá formar sua opinião mais adiante.

Não dispomos de fontes suficientes para avaliar o grau de violência durante o primeiro milênio na Gália (e mesmo depois disso, com uma informação mais densa, a avaliação global da dureza das guerras e da vida social parece difícil). Digamos apenas que o pior não é certo: a longa persistência de um ideal feroz pode tanto incitar os guerreiros a atos

de fúria quanto dispensá-los um pouco disso. Além disso, esse ideal coabita frequentemente com outros, e existe, particularmente na época carolíngia, um modelo de paz cristã que poderia ter civilizado os costumes francos desde o século IX e que deixa traços na “primeira idade feudal” (séculos X e XI).

O guerreiro da bela Idade Média, ao mesmo tempo suavizado e prestigioso, é um nobre, e o que o distingue melhor dos outros é o fato de se deslocar a cavalo. Os progressos da equitação, da cavalaria nas guerras correm o risco, portanto, de coincidir de forma bastante próxima com aqueles do desenvolvimento da guerra convencional e mitigada, entre pessoas de boa companhia. Sem ser inteiramente direto, o laço entre Cavalaria e cavalo não pode ser passado para o segundo plano! O cavalo contribui de alguma forma (mas não integralmente) para a consagração estatutária do guerreiro de elite, para o qual a Cavalaria clássica é uma maneira (entre outras) de servir a seus interesses. No entanto, subsiste em francês uma distinção entre o *cavalier* [cavaleiro] e o *chevalier* [Cavaleiro], e mesmo uma oposição entre as atitudes *cavalières* [cavaleirescas] e *chevaleresques* [Cavaleirescas], que devem nos manter atentos. Escaparemos, entretanto, à impressão de que, quanto mais o guerreiro nobre é um cavaleiro (*cavalier*), mais ocasiões há para se distinguir e adotar atitudes Cavaleirescas (*chevaleresques*)? É comparando a Germânia antiga ou a Gália merovíngia ao mundo carolíngio que poderemos dar conta disso. A importância inédita do cavalo (e também da espada) atinge os dossiês do ano 800 e do século IX, mas temos dificuldades em datar, medir e circunstanciar os progressos da arte equestre, e Philippe Contamine magistralmente mostrou a complexidade desse assunto incitando à prudência em se tratando de confeccionar “modelos”.

Este ensaio, mesmo assim, esboça um. Ele começa na Germânia, o que quer dizer há muito tempo, porque os usos do ano 1100 — definidos como aqueles da Cavalaria clássica, movida pela honra e pelo orgulho — são em grande parte incompatíveis com um sistema de instituições romanas ou fortemente estatais. Eles se enraízam mais em um regime de aristocracia, atestado em parte por Tácito na Germânia dos anos 100. A partir daí caminharemos através de dossiês de todo um milênio seguindo fontes um pouco esparsas e aleatórias, ao longo de crônicas sobre as quais podemos nos questionar se seus autores não estavam fabulando (mas mesmo

isso seria interessante) e se eles escolhem as cenas que descrevem em função de seu caráter típico ou, ao contrário, excepcional. Seremos levados pouco a pouco a privilegiar a análise das “guerras civis” para nelas encontrar códigos e limites. O horror que essa palavra inspira nos espíritos modernos ou romanizantes não nos deve deter nessa análise cujas surpresas nos estão reservadas, como veremos.

Há aqui, no sentido exato, apenas um ensaio dedicado com respeito e gratidão a Philippe Contamine; uma série de hipóteses e de aproximações, uma cavalgada temerária através de séculos ricos em contrastes e mutações. Gostaria ao menos que este ensaio fosse uma ocasião para que o público especializado e os estudantes tomassem, ou retomassem, o gosto por um passado medieval que os livros de Georges Duby tanto fizeram por tornar vivo, e que ele fosse aceito pelos meus mestres e colegas como um documento de trabalho ao qual eles e eu próprio poderemos em seguida aportar retoques e enriquecimentos.

O que me tranquiliza um pouco é que este ensaio integra certo número de elementos devidos a historiadores precedentes: além dos já citados, Jean Flori, Matthew Strickland, John Gillingham, John France e muitos outros. Também porque recebi o auxílio e o conselho de muitos. Ao me fornecer este tema e me apoiar com uma grande constância e uma grande paciência, Denis Maraval desempenhou um papel-chave. Devo muito igualmente a vários colegas e estudantes, mas também ao meu círculo próximo, à minha esposa, a Olivier Grussi e à equipe extremamente eficiente da Librairie Arthème Fayard, especialmente a Nathalie Reignier-Decruck³.

³ A tradução dos documentos segue a forma e a localização dos excertos apontados pelo autor. (N. da R.)